

EXEMPLO DE CRÔNICA:

A GLÓRIA DOS INJUSTOS

Era uma noite quente de terça-feira na faculdade, daquelas em que o ventilador gira em vão, sem refrescar nem a alma, nem as ideias. A aula de Planejamento Estratégico avançava lentamente, e o professor, com aquele ar pomposo de quem acha que só ele entende a vida, anunciava o que muitos chamam de "a prova de fogo do semestre": o temido trabalho em equipe.

Éramos trinta almas perdidas na sala, divididos em grupos de seis. Como acontece em qualquer turma, os grupos já vinham prontos no pacote da convivência: os elegantes, que mais pareciam desfilarem para uma revista de moda a cada intervalo; os inteligentes, que transformavam qualquer conversa casual numa tese de doutorado; os irreverentes, sempre com uma piada na ponta da língua; e, claro, a nossa equipe, os piores. Isso mesmo, aqueles a quem ninguém aposta nem um troco. Eu, por algum capricho do destino, tinha caído ali, injustamente, diga-se de passagem. Merecia estar com os inteligentes. Mas não, meu fado era carregar nas costas a equipe dos relapsos.

Logo de cara, percebi que as coisas não seriam fáceis. Entre os cinco colegas, destacava-se uma figura peculiar: Narya, a aspirante a líder. Ou melhor, a caricatura de uma líder. Sua grande contribuição para o trabalho era a escolha das cores dos slides e o tamanho da fonte. Sim, enquanto eu mergulhava nos livros, vasculhava artigos e redigia textos sobre análise SWOT e missão empresarial, Narya estava preocupada com a paleta de cores. "Acho que o slide de capa devia ter um tom mais pastel... Sabe? Algo que transmita seriedade, mas sem perder o charme", dizia ela, com o olhar de quem acreditava que aquele detalhe era a chave para o sucesso do trabalho.

Eu, por outro lado, tinha que garantir que o trabalho andasse. Entre pesquisas, cálculos e estratégias, montava os slides, ajustava as

informações e fazia o milagre acontecer. Enquanto isso, os outros quatro da equipe? Ah, esses... Bem, nem sei se perceberam que havia um trabalho acontecendo. Para eles, tudo era um eterno intervalo. Suas contribuições resumiam-se a um aceno de cabeça, talvez um "boa sorte", ou quem sabe uma curtida em alguma rede social enquanto eu suava para que o tal Planejamento Estratégico saísse.

Cada noite era uma batalha silenciosa, com Narya ao meu lado, focada em como "Arial é mais moderna que Times New Roman" e os outros desinteressados, como se estivessem assistindo a um jogo de futebol em câmera lenta. A cada nova tarefa, era como se eu tivesse que puxar o peso morto de uma âncora em alto-mar. Mas, milagrosamente, o trabalho avançava. Eu dava um jeito, ajustava aqui, cortava ali, revisava tudo, e lá estava o bendito planejamento, pronto para ser apresentado.

Chega o grande dia. A turma reunida, o professor no fundo da sala, com seu olhar crítico, e nós, os "piores", à frente. Eu sabia que aquele trabalho só existia porque, de alguma forma, eu tinha conseguido juntar os cacos. Mas, é claro, na hora dos aplausos, os méritos foram repartidos igualmente. Narya se apresentou com a altivez de quem comandou um exército, elogiada por sua "liderança" e seu "bom gosto". E os outros quatro? Ganharam seus créditos sem ter movido um dedo. E eu? Eu estava lá, sorrindo, como quem aceita sua injustiça sem revolta. Afinal, era isso ou uma úlcera.

No final das contas, o professor elogiou nosso "esforço conjunto" e falou sobre a importância do trabalho em equipe, como se fosse fácil transformar aquele grupo de preguiçosos numa unidade coesa. Saímos da sala com uma nota alta e, claro, o ego inflado de Narya, que acreditava piamente ter liderado uma revolução.

Enquanto atravessava o pátio da faculdade naquela noite abafada, me peguei pensando: talvez, em algum ponto dessa carreira acadêmica, eles aprendam o que é planejamento. Eu? Já aprendi o que é estratégia. A minha, claro, é sobreviver às injustiças e seguir em frente, porque, no fim, a vida é mesmo uma série de trabalhos

em equipe onde os créditos raramente vão para quem realmente os merece.